





1905-Janeiro-7.

Luiz de Lencastre  
P. Paulo,  
7-1-1905

CHROMOS



B. LOPES

---

# CHROMOS

2.<sup>a</sup> EDIÇÃO, AUGMENTADA

RIO DE JANEIRO  
FAUCHON & C.<sup>a</sup> - Editores

2750

—  
1896



Á MEMORIA DE ALCIDIA,

A MINHA DOCE E INFELIZ IRMÃ.



A minha musa, a minha pobre musa,  
De riso á bocca e florés na cabeça,  
Morena virgem, rustica e travessa,  
Que um vestidinho dos mais simples usa ;

A noiva alegre de um rapaz de blusa,  
Que talvez muita gente não conheça,  
De riso á bocca e flores na cabeça  
Vem visitar-vos, tímida e confusa.

Não lhe augmenteis o rubido embaraço,  
Levando-a ao vosso lado e pelo braço  
Com requintes fidalgos de condessa ;

Filha do campo, distincções recusa  
A minha musa, a minha pobre musa  
De riso á bocca e flores na cabeça !



O sol, príncipe aéreo  
De olhar de fogo, o ensanguentado mouro,  
Descança por de traz d'aquelles montes,  
Que recortam violaceos horisontes,  
E dorme entre o lençol de nuvens de ouro  
    No seu leito sidereo :  
    São horas... descansemos.  
Conhece-me, senhora? Conversemos  
    N'este quieto recinto,  
Em que um perfume delicado sinto...

Eu sou o filho agreste das montanhas,  
Pastor, talvez, de solidões extranhas !  
O camponez que habita a serra oblonga,  
    Louçã e prasenteira,  
Onde, pousada ao ramo da fructeira,  
    Em horas de verão,  
Como ferro a bater grita a araponga,  
Repercutindo os echos no sertão,  
    E o burity serrano

Aos ventos do deserto enlaça as franças  
 Quando, estridulo, clama algum tucano  
 Em sanguineas manhãs, frescas e puras  
 Como o riso argentino das crianças  
     Que brincam pela estrada...  
     Terra que, nas planuras,  
 — Quando não ha noctivago planeta,  
 Silente a aldeia, e longe, pelos campos,  
     Não passeia a toada  
 De uma amorosa e linda cançoneta —  
     Bruxoleia, ás escuras,  
 A lamparina azul dos pyrilampos.

    Nos virentes cafés  
 De alguma encantadora e mansa plaga  
 — Quando o coqueiro inclina o loiro cacho —  
     Nas aguas do riacho  
 Que marulha na grotta e o campo alaga,  
 Banho-me todo, da cabeça aos pés.  
 E como o marinheiro, o bom grumete,  
     Saudoso ou descuidado,  
 Encordôa a guitarra e canta á lua  
     Os olhos da menina,  
 Ao deslisar sereno da falúa,  
     Eu, ao pino, deitado  
     Sobre o fofa tapete

Da emmurhecida relva da campina,  
Sob a copa amarella dos ipés  
Faço chorar as cordas do machete !

Sento-me, ás vezes, no alcântil quebrado  
    A' margem de algum rio,  
Fugindo á calma, á sombra pittoresca  
    De um festão debruçado  
Que entre flores se deita em desvario  
No leito molle da corrente fresca !  
Ahi me assento triste e solitario  
    Ouvindo o murmurio.  
Da corrente que desce em curso vario :  
    Aqui, as claras aguas  
    Estendem-se dormentes  
Como o sonho gentil dos innocentes !  
Mais abaixo, despenham-se nas fragoas  
    Em grandes borbotões ;  
Furtam-se mais além... e ronca, e ronca  
Quando esbate, o cachão, na pedra bronca,  
    Quebrando as solidões...  
    E deixa após a espuma,  
Que mais parece ceiração de bruma !  
    Senhora, em forte estio  
Amo, enlevado, o marulhar do rio.

Dias de primavera  
Eu deixo-me ficar no campo, a espera  
    Que o astro rei se esconda  
Entre as cortinas rubras do poente,  
A confundir um raio moribundo  
    No suspiro profundo  
Que solta o mar ; nas supplicas da onda  
    Que se estorce na praia,  
Qual em molle coxim de alva cambraia  
    A odalisca gemente  
Saúdosa do Sultão, que foge ao mundo !

Espero o sabiá  
Que venha despedir-se em voz saúdosa  
    D'essa tarde formosa,  
No verde ramo da cheirosa ingá.  
Todo o meu ser n'esta hora se extasia  
Mergulhado, tristonho, em scisma funda !  
    E, cheio de ternura,  
Vejo a obra de Deus que me circumda.  
Contemplo o encanto da ridente Flóra  
N'este céu de suavissima poesia,  
Onde passa de rosa a nuvem pura.  
    Minh'alma se enamora  
Até da flor singela das campinas  
    Que o encanto resume

No célico perfume  
 Derramado nas auras vespertinas.  
 E mais ao longe a jurity suspira...  
     Bem vejo : um flebil rogo  
 De viuva na dor, que o companheiro  
 Carpe, e o filhinho que se foi primeiro  
 Na solitaria e triste sucupira  
     Lavrada pelo fogo.

E cá, si a noite é bella,  
 Eu ponho-me a scismar  
 Debruço ao peitoril de uma janella  
 De guarida qualquer, amiga e franca...  
 Que eu nada tenho: minha casa branca,  
 Onde vivem meus paes, eu lá deixei-a,  
 Dentro de um bosque, na pequena aldeia!  
     E' bem pobre o meu lar :  
 O chão — socalco, e telha vã — o tecto ;  
 Roseiras nos moirões, floeos matizes  
 Alastrando o cercado, um campo lindo,  
 Onde, a rir, meus irmãos brincam felizes ;  
 Ao fundo — um laranjal em flor se abrindo !...  
     Eis o quadro completo.  
 ... Envolve-me o luar na frouxidão  
     De sua luz bacentá,  
 E a minha fronte um raio acaricia,

Talvez que de poesia,  
Que a commoção minh'alma experimenta.  
Então, senhora, eu sinto que é preciso  
Ao menos um sorriso  
De mulher, que dê vida á inspiração  
Do cantor infeliz, que mal supporta  
A dor de ver, tão cedo, a noiva morta!

## I

Sou rapariga da aldeia ;  
Cercam-me os moços da moda,  
— Zangões que giram á roda  
De impenetravel colmeia.

Sou loira, simploria e — creia !  
- Luva ou chapéo me incommoda :  
Corro nos campos, a toda,  
De chinelinhos sem meia.

Ando de flor ao cabello,  
Cruz e veronica ao seio,  
E de vestido singelo ;

Sou namorada de um moço,  
Que anda na rua — elle é feio !  
De *cache-nez* no pescoço.

## II

Cahira o sol no horizonte !  
A rapariga travessa  
Vae, de cantaro á cabeça,  
Pelo caminho da fonte.

Fuméga o rancho. Defronte  
Azula-se a matta espessa...  
Antes, pois, que a noite desça,  
Voam as aves ao monte.

Aponta Vesper, brilhante ;  
E o largo silencio corta  
Uma toada distante...

Irado enxotando o gallo,  
Está um homem na porta  
Dando ração ao cavallo.

## III

Hontem, á porta sombria  
De uma casinha fechada,  
Bateu ligeira pancada  
Mão que tremer parecia...

Ouvi... Dentro alguém gemia :  
Era mulher desgraçada,  
Uma visão desbotada  
Quem no tugurio vivia.

Transpuz a porta, assustado...  
Virgem Maria ! De um lado  
Onde essa mãe tresloucava,

Plácida, magra, amarella  
Pelo reflexo da vella,  
Uma criança expirava.

## x IV

Põe-se a merenda na mesa :  
Um tosco movel de pinho  
Quer esconder a pobreza  
N'um guardanapo de linho.

Pouco pão, muita limpeza,  
Um só talher ; não ha vinho !  
Ha de achar, porém, franqueza  
Quem tiver fome em caminho.

« Sem cerimonia, patricio ;  
« Não repare na choupana,  
Disse-me o tio Simplicio ;

E a boa dona da casa  
Trouxe-me um gole de *canna*  
Em canequinha sem aza !

## V

Entra o luar na varanda,  
Illuminando lá dentro  
Um grupo, que tem no centro  
Uma ancian veneranda;

Tres rapazitos, em torno,  
Vestidos de camisólo,  
Loira menina no collo  
Fazem do catre um adorno.

E, para entreter os nêtos,  
Conta a avósinha uma *historia*,  
Que ouvem attentos e quietos ;

Perto, a filha — o olhar cahido,  
N'uma attitude simploria  
Dá cafunés no 'marido.

## VI

Foi á hora solemne da alvorada  
Quando o pallido amante, somnolento,  
Resistindo ás cadeias de um lamento,  
Deixou a alcova da mulher amada.

Insinua-se, vago, pela estrada,  
Pensativo, calado e a passo lento...  
Leva etherea visáo no pensamento,  
Nem elle sente o frio da orvalhada !

E cantam, cantam lindos passarinhos  
A' debil sombra, em selva buliçosa,  
Sobre a beirada rustica dos ninhos !

Ergue-se tudo... E a dama voluptuosa  
Estende-se outra vez nos alvos linhos,  
E dorme, dorme, dorme, a preguiçosa !

## VII

Quando o pae transpõe a entrada,  
De guardasol e de embrulho,  
Vem recebê-lo a criançada  
Com grande festa e barulho.

E nas boccas impollutas  
Daquelles sonhos corporeos  
O malandrim dos cartorios  
Colloca beijos e fructas.

E á mesa, em nuvens de fumo, ?  
Emquanto faz-se o resumo  
Das novidades, assombros !

Aquellas boas crianças,  
— Bando gazil de aves mansas —  
Trepam-lhe em cima dos hombros !

## VIII ✕

São tres gárrulas meninas,  
Aves do ninho saltando  
Para soltarem n'um bando  
Doces canções peregrinas...

Alam-se ás plantas divinas  
Risadas, de quando em quando,  
Daquellas boccas, lembrando  
Tres breves, rubras boninas.

Eu, que, matando esperanças,  
Da mocidade nos trilhos  
Perdí os risos joviaes,

Sigo invejoso as crianças !  
Que as alegrias dos filhos  
São o thesouro dos paes !

## IX

Amanhecera. O tropeiro  
Passa, cantando, na estrada ;  
No seu casebre o roceiro  
Prepara as foices e a enxada.

Ao rumor a luz casada  
Enche de vida o terreiro ;  
Parecem bruma cerrada  
As flores, lá! do espinheiro...

Aspira-se o olôr suave  
Do bom café... Alto e grave  
Bate o pilão nas cozinhas.

Ha junto á horta uns barrancos,  
Onde a mulher, de tamancos,  
Distribue milho ás gallinhas.

## X

Conversam ambos na sala  
Juntos, sentados, em paz ;  
A moça, a rir quando fala,  
Diz querer bem ao rapaz.

Replica o noivo, a miral-a:  
Dê-me um beijo, si é capaz...  
Grave, de luto e sem gala  
Olha-os a mãe por de traz.

E treme a luz, que não presta !  
A sala, pobre e modesta,  
Quasi que lobrega está...

Bocca aberta, mão no queixo,  
Em caprichoso desleixo  
Dorme Nhonhô no sofá.

## XI

O sol raios de oiro espalha  
Como um fidalgo vadio !  
Perto do rancho de palha  
Fechado, ha pouco, e vasio,

Uma mulher com a toalha  
De linho branco, alvadio,  
Sobre a cabeça grisalha,  
Lava na beira do rio.

Fareja o cão ; e alli perto,  
Livre do sol, nos verdores,  
Por umas frondes coberto,

Gordo, risonho e despido,  
Com borboletas e flores  
Anda o filhinho entretido !

## XII

No rancho a lenha se inflamma ;  
Ao lado — posta uma esteira,  
Onde crianças sem cama  
Atiçam fogo á chaleira.

A rubra luz se derrama  
Como um fuzil, de maneira  
A deixar ver d'esse drama  
A scena intima inteira !

Chega-se a mãe aos pequenos  
Com certo dó :

« ... quando menos

Temos a graça de Deos... »

Ia o fogo amortecendo...  
Deu-lhes a benção, dizendo :  
— Vamos dormir, filhos meus !

## XIII

Na estaca de uma parede  
Dá pouca luz a candeia ;  
Um homem, depois da ceia,  
Fuma, deitado na rede.

Do campones rude, vede !  
O pensamento vagueia...  
Chora n'um berço de aldeia  
O pequerrucho, com sede.

« Maria ! chama o pae, alto.  
(Ergue-se a filha, de um salto)  
« Anda ninar teu irmão...

E enquanto a moçoila canta,  
A mãe, trigueira, de manta,  
Debulha guandos, no chão.

## XIV

Eis o casebre antigo dos dois velhos,  
Esposos camponeses, onde a filha  
De noite sobre a mesa abre a cartilha,  
Ouvindo ao ancião veros conselhos.

Lança os olhos á mãe — castos espelhos,  
Morno raio do amor que em su'alma brilha ;  
Envolvendo-lhe o busto na mantilha,  
Adormecia a moça em seus joelhos.

Que de vezes, oh ! filha d'estes lares !  
Eu consolei-te os frivolos pezares,  
N'essa ternura multipla de irmão !...

Eras cercada, enfim, de um zelo terno,  
Quando estavamos todos, pelo inverno,  
Ao brazido cordial do teu fogão !

## XV

Cahiu a noite, erma e fria.  
E aquella saleta, agora,  
Caiada por dentro e fóra,  
A vela' accesa alumia :

No antigo movel de braços  
Acha-se o pae recostado,  
Para o filhinho pasmado  
Lendo da Biblia pedaços ;

Na mesa, logo a direita,  
Onde uma rosa desfeita  
Perde o vigor na canéca,

De joelhos na cadeira,  
Loira, branca, feiticeira  
Brinca Nenê com a boneca.

## XVI

A filha, pallida e loura,  
Faz seu serão de costura:  
Ás vezes pensa... ou procura  
Dentro do cesto a tesoura.

Vive n'uma dobadoura  
A singular creatura!  
Ralha-lhe o pae, com doçura,  
Ao regressar da lavoura.

Dá na varanda oito e meia...  
Levanta-se logo a moça,  
Pondo os morins no bahú;

Traz os preparos da ceia;  
E, nas tigelas de louça,  
Tomam café com beijú.

## XVII

A criação satisfeita  
Vae-se chegando ao poleiro ;  
Volta, suado e trigueiro,  
O lavrador da colheita.

De cesto e trajo roceiro,  
Aquella mulher mal feita  
Que o chale aos hombros ageita,  
Junta o café no terreiro ;

E uma menina rosada  
Recolhe a roupa lavada  
De beira d'agua... Entra o sol !

Pelo rafeiro seguido,  
O camponio aborrecido  
Desce ao riacho, de anzol.

## XVIII

N'aquella casa do morro  
Mora a viuva com as filhas,  
Tres singelas maravilhas,  
Pupillas de um preto forro.

Quando eu passo, elle, de gorro,  
Colhendo á horta, as ervilhas  
Trepadas pelas forquilhas,  
Faz socegar o cachorro...

Ellas, vendo da ladeira  
Com quem o *Patusco* ladra,  
Vão me esperar na tronqueira ;

E após um colloquio extenso,  
Pedem-me versos em quadra  
Para *marcarem-me* um lenço.

## XIX

A casinha — o sol dobrando,  
Projecta sombra na frente,  
Onde o casal innocente  
Está sorrindo e brincando.

Vae a menina cantando,  
Medita o irmão... de repente  
Safa-se aos pulos, contente  
Como graúna de um bando.

Chega ao portal pequenino  
A mãe, que a olhar, quasi cae,  
Soltando, pallida, um grito...

E' que o travesso menino  
Com as chilenas do pae  
Tenta montar no cabrito.

## XX

As alegrias, desertas  
D'aquelle lar, desde quando!  
Hoje voltaram, entrando  
Pelas janellas abertas.

E, como pombas em bando,  
Rasteiras, brancas, espertas  
As raparigas vão certas  
Áquelle sitio chegando.

Palmas lá dentro! E faz frio!  
*Tyrannas* e desafio...  
Cá fóra a lua descamba.

Aos rasgados da viola  
Quebra-se o corpo pachola  
Nos bamboleios do *samba*.

## XXI

Homens e moças, crianças,  
Todos vêm fóra, ao terreiro.  
Um d'elles, chamando ás danças,  
Põe-se a rufar nõ pandeiro...

Principia a cantarola...  
Um camponez de unha adunca  
Ponteia alegre a viola.  
Faz um luar como nunca!

Salta um rapaz no fadinho ;  
Uma mulher, de corpinho,  
Vem requebrando de lá ;

E a meninada bizarra  
Faz uma grande algazarra  
Brincando o *tempo-será*.

## XXII

Surge sereno e prazenteiro o dia,  
Vae-se diluindo a transparencia parda ;  
Entre os morros a luz, brincando, espia  
Do campones a rustica mansarda.

Freme o vergel, que placido dormia,  
E os jubilosos musicos aguarda...  
Sacode a palma a trança humida e fria  
Dos suores da noite, e o sol não tarda!

Olhae para a cabana : uma donzella  
Que as madeixas lustraes trança, de pé,  
Do pequenino quarto abre a janella...

Nos braços leva a mãe o seu bebé  
Ao jasmineiro em flor e, junto d'ella,  
Uma menina ao velho traz café.

## XXIII

Crepita a vela no quarto  
Sobre uma commoda antiga ;  
No leito — uma rapariga  
Geme com as dores do parto.

Aos pés inclina-se o espelho,  
Pende do tecto uma rede,  
E, no frontal da parede,  
Ha um crucifixo velho.

Assiste-lhe outra pessoa,  
A avó, de cabellos brancos,  
Que a infeliz neta perdoa.

Mãe de Deos ! E um maltrapilho  
(Cedia a porta aos arrancos)  
Toma nos braços o filho !

## XXIV

A casa d'aquella gente  
E' branca como um jasmim!  
Tem nas vidraças da frente  
Forros azues de metim.

Quando o sol tinge o poente,  
Vae de bengala ao jardim  
Um velhote impertinente,  
De roupa clara, de brim.

Enxota os pintos e clama  
Contra quem pisa na grama;  
Chinga as crianças, cruel!

Por encontral-as adiante  
Pondo no lago ondulante  
Embarcações de papel.

## XXV ✕

Na alcova sombria e quente,  
Pobre de mais, si não éro,  
Repousa um moço doente  
Sobre uma cama de ferro.

Pede-lhe baixo, inclinada,  
Sua mulher — que adormeça,  
Em cuja perna curvada  
Elle reclina a cabeça.

Vem uma loira figura  
Com a colher da tintura,  
Que elle recusa, n'um ai !

Mas o solícito anjinho  
Diz-lhe com riso e carinho :  
—Bebe que é doce, papae !

## XXVI

O lampeão sobre a mesa  
Jorra o clarão na varanda ;  
Fóra, o luar ; meu pae anda  
A apreciar-lhe à belleza...

Vede que é nua : a pobreza  
Fez até lá propaganda ;  
E' minha mãe veneranda  
Quem se deitou na *marqueza*.

Dormem-lhe aos pés tres crianças,  
Meus irmãos, tres esperanças ;  
Chilram os grillos por cima...

Riem-se os dois namorados !  
Eu, attento para os lados,  
Beijo uma flor, minha prima.

## XXVII

Fria, a sala. A noite, fóra,  
Traja o sendal de viuva ;  
E o vento que á porta chora  
Borrifa os vidros de chuva.

Estão no sofá sentadas  
Tres senhoras ; mais adiante  
Duas moças enlaçadas  
Correm os livros da estante.

Espraia-se a luz, em onda,  
De um castiçal dos antigos  
Sobre uma mesa redonda,

Onde, de gorro e cachimbo,  
Um velho com tres amigos  
Joga, em palestra, o marimbo.

## XXVIII

Ceguei ao rancho, era tarde!  
Disse ao dono, incontinente:  
Careço que do sol quente  
O vosso tecto me guarde...

— Tire o selim do cavallo,  
Que ha de estar muito cançado...  
Depois de tudo arrumado  
Puz-me a fumar; que regalo!

Deram-me leite e farinha;  
Mas ao guasca, antes do almoço,  
Fez a mulata um cochicho...

Chegando-me a garrafinha,  
Diz-me ella assim: antes, moço,  
De petiscar, *mate o bicho!*

## XXIX

Depois do jantar, pequena  
Volve a familia ao terraço ;  
Brinca um pimpolho no braço  
De uma criada morena.

Alli, de verdura amena  
Descortina-se um pedaço ;  
Sente-se o debil mormaço  
Da tarde clara e serena.

Lê um rapaz, distrahido ;  
Sentam-se esposa e marido  
Saboreando o café...

A moça, a andar sem destino,  
Faz para o irmão pequenino  
Um babador de *crochet*.

## XXX

Passeavamos cedo — eu, minha irmã  
E a sua amiga, uma infeliz criança  
Neta de um velho, alli, na visinhança,  
Orphã, talvez ; chamavam-a Nhãnhã.

Quem mais sublime : a rosa da manhã  
A se esfolhar no collo da bonança,  
Ou ella, um sylpho ! a sua fronte mansa  
N'um lyrio azul, a tunica de lã ?

Foi n'uma d'essas occasiões que a ella  
Eu me animei dizer — amo-te, és bella...  
E minha irmã me interrompeu : Nhonhô,

Tu bem sabes que a orphã bem querida  
Vive dos paes saudosa, e, agradecida,  
Enxuga ainda as lagrimas do avô.

## XXXI

Hera, musgo e parasita,  
Desde o muro ao patamar,  
Essa trindade exquisita  
Faz o encanto do teu lar.

Das janellas vê-se o mar  
Beijando a praia infinita...  
De tua casa bonita  
Vêm-se — flores no pomar,

Carramanchões pittorescos  
E os pombos nos arabescos  
Da frente de teu *chalet* ;

Uma ave mansa e travessa  
Quasi pousa-te á cabeça  
Quando passeias a pé !

## XXXII λ

Loiro galan — pelo lar  
Entra o sol, sem dizer nada,  
Alegre como a toada  
De uma canção popular.

A' janella brinca um par  
Sob o docel da latada ;  
Preso, de um prego na entrada,  
Põe-se o colleiro a cantar...

Pombos, pombas batem aza  
Sobre o telhado da casa ;  
Chamam de dentro — Yayá...

Puxando-a pelas mãosinhas,  
Diz-lhe o moço: Mariquinhas,  
Vem temperar-nos o chá...

## XXXIII

Já vem surgindo a manhã,  
Tão bella manhã de Agosto,  
Pois que a alegria do rosto  
E' á dos ares irmã.

Na pradaria louçã  
Cantam as aves por gosto ;  
Nenhum signal de desgosto  
Tem o lundú da aldeã !

Sobre a casinha de palha,  
Que honrada gente agasalha,  
Manda-me o sol um «bom dia».

Abre a janella do quarto,  
Que eu já de saudades farto  
Trouxe-te um beijo, Maria !

## XXXIV

Chega Lulú do collegio  
Rubro do sol, como um cardo :  
Calça e bonet de brim pardo,  
Blusa do mesmo protege-o.

Entra, e n'uns braços se some,  
Deixando os livros na mesa.  
Voltára em fraldas, surpresa!  
Senta-se e diz : ai que fome !

E janta. O velho rafeiro  
Vem festejal-o, com o cheiro ;  
Lambe-o na face o gatinho.

A mãe, que os pratos ajunta,  
Aberto o livro, pergunta :  
— Que lição trazes, filhinho ?

## XXXV

Eu vejo, de passagem,  
D'aquella estrada á beira,  
Debaixo da figueira  
Vergando-se á ramagem,

A mãe, rustica imagem,  
Sentada n'uma esteira  
Ao longo da soleira  
De seu casal selvagem.

Alli —nada é desmancho :  
Passae, gentes, e vede  
Aquelle pobre rancho :

Ao lado da parede  
Um galho verde e um gancho  
Sostêm do filho a rede.

## XXXVI

Domingo. A casa de palha  
Abre as janellas ao sol ;  
Na horta o dono trabalha  
Desde que veio o arrebol ;

E a companheira, de grampo  
No cabelo em caracol,  
Na herva enxuta do campo  
Estende um claro lençol...

No ribeiro crystallino  
Bebem as aves; o sino  
Chama os christãos á matriz ;

Entra a mulher... mas da porta  
Falla, meiga, para a horta:  
— Vamos á missa, Luiz?

## XXXVII

Ave, Maria !... Alma, escuta  
Os echos dos campanarios  
Como genios solitarios  
Alevantados da gruta.

Da laranjeira impolluta  
Nos florescentes scenarios,  
O duetto dos canarios  
As horas tardas enluta ;

Horas de paz e fragrancia,  
Em que releio a cartilha  
Dos hymnos sacros da infancia !

Diz minha mãe, que a partilha  
De benções faz, á distancia :  
— Deos te abençõe, minha filha !

## XXXVIII

O casebre esburacado  
E' pobre como senzala ;  
Tem mesmo o fogo na sala  
E a picuman no telhado.

Habita-o o casal de pretos...  
Vê-se no canto mettido  
Um oratorio encardido  
E atraz da porta uns gravetos.

Reina o silencio. Anoi-tece.  
Reza a mulher, de mãos postas  
O dia a um santo offerece...

Entre as ingás bem dispostas  
O proletario apparece  
Com a ferramenta nas costas.

## XXXIX

Levanta-se ella do leito  
Logo ao romper da manhã,  
Chegando aos hombros e ao peito  
O chalesinho de lã...

Mas só a cama abandona  
Depois do signal da cruz,  
Erguendo para a Madona  
Os grandes olhos azues !

Enfia o pé na chinela  
E vae abrir a janella ;  
Sólta os cabellos e sae...

Faz aos irmãos muita festa ;  
E por um beijo na testa  
Recebe a benção do pae.

## XL

Ha umas noites violentas,  
De muita agrura e sem brilho,  
Que passam, como tormentas,  
Pela alma de um pobre filho.

Não sei que nuvens são essas...  
Aves sinistras ! no entanto  
Ha um milhão de promessas  
Na primavera que eu canto.

Quero esta luz de Setembro !  
Mas eu, sombrio, me lembro...  
Sombras de luto, passae !

Trazei-me, brisas de rosa,  
A cantilena saudosa  
Do *belga* exul de meu pae !

## XLI

Nas noites de frio  
Os astros chorando  
E as folhas boiando  
Nas aguas do rio ;

Da tepida aragem  
O crebro farfalho  
E o chôro de orvalho  
Que cae da ramagem ;

A ave em conchego  
Na riba que escôra  
Tão languida flor ;

Do rancho o socego  
E as trovas lá fóra  
Me fallam de amor!...

## XLII

Ergue-se a lua do nevoeiro escuro  
Como noiva infeliz — humida rosa !  
E a *flor da noite* se entreabriu cheirosa  
Sobre as ameias pallidas do muro.

Vae doce offego pelo' campo fóra,  
Pallor na praia, esmaios na lagoa ;  
Vago murmúrio perfumado voa...  
Ou são queixumes e ais de alguém que chora ?

E' que o verso pueril de umas cantigas  
Sae da bocca de ternas raparigas,  
Todas sentadas ao redór da choça ;

Vae sentar-se um rapaz no tamborete  
A temperar o tremulo machete,  
Em lindas noites de luar, na roça !

## XLIII

E' uma branca saleta  
De tinhorões nas janellas ;  
Com o luar entram por ellas  
Auras de sonho e violeta ;

Alta e pequena ; repleta  
De riso e sol, bagatellas !  
Uma porção de aquarellas  
Esse El-Dorado completa.

Em meio da cantarola  
Dos canarios na gaiola,  
Poeta sem saber como,

Mettido em *chambre* de chita  
Um moço á mesa da escripta  
Rabisca, a lapis, um *chromo*.

 XLIV

Vermelha, a alcova em que eu entro,  
Com cortinados de cassa,  
Cheia de prismas por dentro  
Quando o sol bate á vidraça.

Tem murcho o bouquet n'um vaso  
Do par que adorna o toilette ;  
E o espelho, n'este caso,  
Scena mais linda reflecte :

Dorme na cama franceza  
Com natural singeleza  
Loira mulher da Suissa ;

Abre um rapaz estouvado  
As franjas do cortinado...  
Ella, a accordar, se espreguiça !

## XLV

Entra do sol uma aresta  
Pela janella fronteira,  
Tendo a cortina modesta  
De festões de trepadeira.

Sobre o banco de madeira  
O campez dorme a sesta ;  
De lenço branco na testa,  
Cose a mulher n'uma esteira.

Um beija-flor esvoaça...  
Sae do fogão moribundo  
Uma espiral de fumaça...

De vestido ao tornozelo,  
A moça que vem do fundo  
Traz uma flor no cabelo !

## XLVI

Naquelle quarto forrado  
Ha duas redes e um leito,  
Onde um moço está deitado  
— Livro aberto sobre o peito —

Pobrementemente amortalhado  
O estudante de direito  
N'um camisolo encarnado,  
De ramos brancos e estreito

Apezar da vela accesa,  
Uma sombria tristeza  
Paira alli dentro... Qualquer

Sente, ao primeiro momento,  
N'aquelle frio aposento  
A falta de uma mulher.

## XLVII

Desfructa por bom costume  
Um rapaz, n'aquella casa,  
A vida de uma ave implume  
Sob o carinho de uma aza.

Panella a tempo no lume  
Que de tão farta transvasa ;  
Envolve tudo o perfume  
De umas resinas em braza.

E que adoravel pobreza !  
Na taboa limpa da mesa  
A louça enxuta e o talher...

Um quê de alegre e tranquillo ;  
Percebe-se em tudo aquillo  
O dedo de uma mulher.

## XLVIII

Quando vae sahir da sala,  
Para negocios, á rua,  
Vê-se tonto o avô e súa...  
Rancho de netos lhe fala.

E, ao pegar-lhe na bengala  
Uma pequena alva e nua,  
Promette (e n'isto recúa)  
Trazer-lhe biscoito e bala.

Para safar-se com astucia  
Do meio d'aquella sucia  
Ruidosa e loira, vê pancas !

Mas não vê, que cego é elle !  
Os dedos sujos d'aquelle  
Mancharem-lhe as calças brancas !

## XLIX

A sua casa de pinho  
E' clara, pequena e limpa ;  
Anda um tiê a fazer ninho  
De um angelim pela grimpa.

Ella, gorducha e rosada,  
Senta-se cedo ao trabalho,  
Com a merenda temperada  
Sobre o calor do borralho.

Sómente o dedal faz bulha...  
E' um gosto, n'esse instante,  
Vel-a a puxar pela agulha.

Eu entro... ella ri-se e córa.  
E' que apanhei-a em flagrante  
Com os tornozelos de fóra.

L ✕

Fui ao quarto: intermittente  
Projectava a lamparina  
Uma luz verde, mofina,  
Sobre as feições do doente.

Como scintilla divina,  
O seu olhar de demente  
Ia pousar frouxamente  
N'uma chorosa menina.

Depois, á imagem de Christo  
Volve a cabeça e diz isto  
Com lentidão: «mundo, mundo...»

E o Christo, nú, lacrimoso  
Descia o olhar piedoso  
Áquelle pae moribundo.

## LI

Abre-se ao romper do dia  
A porta do novo templo,  
E, n'um bellissimo exemplo,  
A trabalhar principia

A classe bemdita e honesta  
Dos queimados proletarios ;  
Às vezes, dos operarios  
Corre o suor pela testa...

Ha pela fabrica o ar morno,  
O tom violento, amarello,  
Da incandescencia do forno...

Quem quizer entre e perlustre-a:  
Parece a voz do martello  
Elevar hymnos á Industria.

## LII

Curiosa, toda gente  
Mira um par n'estas alturas.  
Que fazem pelo sol quente  
Tão fidalgas creaturas?

Esbeltos, pela cintura  
Enlaçados docemente,  
Vão elles, de galgo á frente,  
Entre o verdor das culturas;

O senhor, de trajo leve,  
E a dona, toda de neve,  
Incertos ante o riacho...

Viver assim como é bello!  
Cabeças juntas, debaixo  
De um parasol amarello!

## LIII

Dorme, dorme, meu filhinho,  
« Não chores, oh ! meu amor...  
Macios como um arminho,  
Fragrantes qual uma flor,

Eram os versos sem cor,  
Cheios de magua e carinho,  
Como o arrulho carpidor  
Da pomba-rôla sem ninho.

Ia-os a mãe entoando  
Alta noite, acalentando  
Seu alvo e loiro penhor...

E acabava semi-morta :  
« A faca que muito corta  
« Dá fundo golpe sem dor !

## LIV

Quando amanhece, a mucama  
Traz-lhe o café na bandeja ;  
Ella inda rola e boceja  
Sobre as alvuras da cama.

A lamparina derrama  
Lacteo clarão, que branqueja  
(Seja indiscreta ou não seja)  
As fórmãs nuas da dama.

O cachorrinho felpudo  
Dorme-lhe aos pés, encolhido  
Sobre um basquim de velludo ;

Senta-se a loira Phrinéa...  
E arqueia o dorso despido,  
Pedindo um beijo á *Tetêa*.

## LV,

O mesmo tecto os abriga.  
Casal de primos. O moço,  
A' mesa, depois do almoço,  
Vê coser a rapariga.

E dá-se o mesmo alvoroço  
Do sangue, na scena antiga:  
Um beijo na fronte amiga  
E os braços sobre o pescoço,

Quando entra alguém na varanda!  
Elle volta-se de banda,  
Ella, corada, disfarça

E põe-se, com faceirice,  
A bordar uma tolice  
No panno de talagarça.

## LVI

N'este chalet principesco  
Velado de persianas,  
Moram, ha duas semanas,  
Dois casadinhos de fresco.

Pelas ruas suburbanas,  
Sósinho, madrigalesco,  
Anda o casal romanesco  
Como senhor de cabanas.

Encontro-o pelos caminhos  
Tirando flores e ninhos,  
A pé vagaroso e bambo...

E vão os dois não sei onde !  
O moço parece um conde,  
A moça parece um jambo !

## LVII

Entremos nas officinas,  
O alegre lar do trabalho,  
Onde até frageis meninas  
Encontram doce agasalho.

Esta, de um simples retalho,  
Faz cousas lindas e finas ;  
Outra ao papel, talho a talho,  
Tira um pendão de boninas.

A' mesa trabalham umas  
Em palha, cabelo e plumas,  
Com invejavel afan ;

Invade todo o recinto,  
Que a largos traços eu pinto,  
A grande luz da manhã !

## LVIII

Ceguei ao lar, que alegria !  
Que doudejante esperança !  
Cá fóra — a mesma bonança,  
O mesmo sol de outro dia.

Mas quando entrei... que mudança !  
Tres annos... Quem tal diria ?  
Quasi ninguem conhecia  
A peregrina criança.

— Como estou velho ! Estou morto !  
Disse-me alguém, repetindo :  
— Podia eu ser seu avô...

— Ora vejam ! Torna absorto.  
Concluiam todos, rindo :  
— Como *está grande* o nonhô !

## LIX

Lembro-me bem: certo dia  
Fui por alguém convidado  
Para um jantar de noivado  
Em casa de minha tia.

Acceitei. Na mesa havia  
Muitos convivas ; ao lado  
Da noiva, o noivo sentado  
Todo feliz; eu dizia,

Erguendo o copo: « Senhores,  
Sobre a noiva a Divindade  
Derrame graças e flores... »

Mas eu te confesso, prima,  
Que era só minha vontade  
Deitar-te vinho por cima !

## LX

Quando vou áquella casa  
Fazem-me entrar na varanda;  
A filha, a quem arrasto a aza,  
O lampeão trazer manda.

A mãe, mulher veneranda,  
Para uma bisca me empraza,  
E em gargalhadas desanda  
Quando me corta uma vasa.

O pae, um calvo jarreta,  
De suspensorio e jaqueta,  
Ri-se tambem da proeza...

De disfarçada maneira,  
Vão meus pés e os da parceira  
Falando em baixo da mesa...

## LXI

Em torno á mesa: eu, a viuva  
E as duas filhas de luto.  
São nove da noite; a chuva  
Rufar nos vidros escuto.

Ellas puxando da agulha,  
Pelo temor de um sequestro ;  
Eu, fazendo muita bulha,  
Corro os jornaes e palestro.

A escandalosa noticia  
De dois noivos na policia  
Encontro e leio-a, solemne...

Olha-me a viuva, de esquelha...  
E augmenta a flamma vermelha  
No globo de kerosene.

## LXII

Retirada, esconsa e morta  
A casa de minha prima ;  
Floresce de baixo a cima  
O jasmineiro da porta.

Mas os canarios exhorta  
O viço de um pé de lima,  
Que, de pesado, se arrima  
Aos moirões seccos da horta.

De tarde cose á janella  
Para, ás horas do costume,  
Ver-me apontar na cancella...

Guarda-me figos, ameixas ;  
E, trescalando a perfume,  
O bogarí das madeixas.

## LXIII

Arde na frente da casa  
Uma animada fogueira ;  
Levanta-se ignea poeira  
Dos grossos tóros em braza.

E' noite de Santo Antonio  
N'aquelle lar festejado ;  
As raparigas no fado  
São tentações do demonio !

Palmas, vivas e foguetes.  
De madrugada a folia  
Põe-se, ruidosa, a cavallo...

Pelo caminho os machetes  
Largam saudosa harmonia...  
Além, além, canta o gallo !

## LXIV

Na cadeira de balanço  
Da sala morna e sombria,  
Em posição de descanso  
*Senhora* a ler passa o dia.

Tudo alli dentro é tão manso,  
Tão tranquillo ! que dir-se-hia  
Pairar em torno o remanso  
De uma choupana vasia...

Frizam-lhe a paz preguiçosa  
Um tenue rumor infindo,  
Como o de azas de um besouro,

E essa figura arminosa  
Do Angora branco, dormindo  
Sobre a poltrona de couro...

## LXV †

—Pois é aqui nosso rancho,  
Disse, mandando sentar-me ;  
E depois, com grande alarme,  
Botando a rede no gancho,

Gritou, lá para a cozinha,  
Que o café do meio dia  
A sua boa Maria  
Mandado á sala não tinha...

E o trouxe em duas tigelas,  
Das tres filhas uma d'ellas,  
De ar faceiroso e pretenso...

« Deus salve, moço... » mais nada !  
E rindo, toda corada,  
Mordia a ponta do lenço !

## LXVI

«Viola, minha viola,  
«Viola do coração,  
Cantava um *cabra* pachola,  
Tocando n'uma funcção.

Puxam feira á castanhola,  
Batendo com os pés no chão...  
È o fado se desenrola  
Na noite de S. João.

Pra pá pá... Cresce a alegria  
Depois das palmas... Agora,  
Com pausada entonação,

O trovador concluia:  
«Viola que geme e chora  
«Debaixo da minha mão!

*Living Victory*

FIGURAS



## Donga

A sombra de uma palmeira  
No fundo claro de um rio  
Tem a apparencia ligeira  
D'aquelle todo sombrio.

Possue o peito vasio  
Das affeições, de maneira  
A ter no olhar vago e frio  
Umaz tristeza de freira.

Pallida, magra e tão debil  
Que parece uma doente,  
Exhausta, chorosa, flebil...

Palpebras fundas, escuras,  
Coando a lagrima quente  
De umas perdidas venturas!

## Nina

Tão bella pode que exista,  
Mais provocante não ha!  
O sonho de um pantheista,  
A perdição de um pachá.

Luze-lhe o raio da vista  
Como o alfange de um rajah,  
E vibra a nota de artista  
Em toda parte onde está.

E' branca, mais que o luar!  
Cabellos fartos, castanhos,  
Olhos que lembram o mar...

Raio travesso de luz  
Irradiando um rebanho  
De fantasias azues!

## Anjinha

Ha um mysterio travesso  
Naquellas negras pupillas ;  
Delicadezas de gesso  
Nas suas feições tranquillias.

E' sempre o olhar que nos lança  
Moroso, supplice e bambo ;  
Tem vagalumes na trança,  
Na pelle cousas do jambo.

D'esse ideal que ainda encanta,  
Como a imagem de uma santa  
Cercada de um resplendor...

D'aquelle corpo tressúa  
Um certo vago de lua,  
Com um leve aroma de flor...

## Cotinha

Muito triste e delicada !  
Supponham, para ideal-a,  
Uma camelia dobrada  
Sobre uma jarra da sala.

Vive scismando e, por nada,  
Toda estremece e não falla !  
Anda aquella alma de Atala  
De funda magua ralada.

Adora o piano, que as notas,  
Como saudosas gaivotas,  
Alam-se ás plagas marinhas...

Ah ! Deus queira a não que sondas  
No plaino glauco das ondas  
Traga-te o riso que tinhas !

## Xandóca

Corpo delgado e franzino  
Como o lyrio do caminho  
Que vergasse, de tão fino,  
Ao peso de um passarinho.

Canario que solta um trino  
Entre as pellucias do ninho...  
Olhar manso e crystallino,  
Alvuras frescas de linho.

Rosetas vivas na face,  
Labios fechados, vermelhos  
Como cravina que nasce...

Mãos finas, unhas rosadas,  
Pequenos pés sem artelhos,  
Tranças ao hombro atiradas!

## Nenêsinha

Moçoila de saia curta  
Com ares de senhorita ;  
Borboleta que volita  
Por sobre flores de murta.

E' de uma graça infinita,  
Quando os seus vôos encurta :  
De cada rosa então furta  
O encanto que n'ella habita.

Olhar de boa malicia ;  
Como que um sonho navega  
N'aquelle mar de delicia...

Ave medindo o caminho,  
Mas que nas plumas carrega  
Ainda o aroma do ninho.

## Vovó

Dorme; infeliz creatura !  
Depois da lucta é bem doce...  
Talvez a vida te fosse  
Uma perenne amargura.

Não é longe a sepultura,  
Nem foi teu somno precoce ;  
Si o teu olhar apagou-se,  
Uma lembrança perdura...

E lá, na Presença Augusta,  
A mim a benção renova,  
Que a tua benção não custa...

Tenho lagrimas na trova,  
Depois que a imagem vetusta  
Tombou de um seculo á cova !

;

## Caróla

Coração de favo e nardo,  
Alma de estrella e neblina,  
Rocio em calix de bonina,  
Onda azul que amaina o cardo.

Luar somnambulo e tardo,  
Iris de luz peregrina,  
Nascida em plaga divina,  
Aureola a fronte do bardo !

Ave, que ao ether se exalça,  
Beijando o ninho da balça  
Onde pipila... Jesus !

Vive de aromas e orvalhos ;  
Oscilla o corpo nos galhos,  
Suspende as plumas á luz.

## Violeta

A sua linda pessoa  
Ressumbra lyrio e virtude ;  
Tem nos olhos a quietude  
De uma profunda lagoa.

Calma, sympathica e boa  
Como os sons de um alaúde ;  
Dos myrtos da juventude  
A mesta fronte corôa

Das paisagens pittorescas,  
Um bello e fiel modelo  
De castellãs romanescas,

Pintando-a de cesta ao braço,  
Madresylvas no cabelo,  
Bordando no seu terraço.

## Anah

Um sonho vago, brilhante,  
Um devaneio qualquer,  
Não falam bem do semblante,  
Da graça d'esta mulher.

E' fragrancia inebriante,  
N'um iris de rosiclér;  
Qualquer cousa deslumbrante  
Com o coração de mulher.

Eu bebi, raio sedento,  
Os teus aljofres, oh! flor!  
N'uma illusão de momento...

Como lagrimas de amor,  
Gottejam no meu tormento  
Os teus aljofres, oh! flor!

## Nhãnhã

Cabellos com lantejoulas,  
Como uma noite estrellada;  
A bella fronte banhada  
Na dubia luz das papoulas.

Tem semelhança com as rôlas  
De pellucia acaboclada,  
Que bebem, de madrugada,  
O roseo mel das caçoulas.

Traçando a curva opulenta,  
O seio, que, preso, estúa,  
Quasi o corpinho rebenta...

De carnação florescente;  
Ama as janellas da rua  
É um rapazola doente.

## Sinhá

Fria estatua do abandono !  
Inspiras trovas e pena ;  
Nascestes, moça morena,  
Para os velludos de um throno.

Téns, vaporosa e serena,  
As nostalgias do outomno ;  
N'esse olhar, que pede e ordena,  
Bóia o fantasma do Somno !

Scismando, tuas mãos frias  
São duas azas esguias  
Entorpecidas no queixo...

Ao vago som que proferes  
Sólto o meu beijo, e não queres !  
Quando quizeres, não deixo !

## Madame

E' o teu sorriso uma aurora  
De crystallino sonído ;  
A bocca — figo partido,  
Que mel e aroma dissóra.

São teus olhares assombros  
De incandescente Vesuvio :  
Desatam sobre meus hombros  
Lucido e quente diluvio.

São teus pésinhos o metro  
Dos bazares do meu plectro,  
Para medir sonetinhos ;

E has de calçar muitas vezes  
N'esses dous *mignons* francezes  
O borzeguim de teus filhos.

## Baby

Fina e loira como um talo  
Do melhor trigo maduro ;  
Do azul celeste mais puro  
São os olhos de quem fallo.

Quero prismaticas bolhas  
Para ideal-a, e não acho ;  
Titillações de riacho  
Com rumorejo de folhas...

Miss delicada, e tão alva  
Como um botão de limeira  
Sobre uma folha de malva ;

Risos francos de alvorada,  
Presos á graça ligeira  
De uma menina estouvada !

## Lulú

Da côma brilhante e fina  
Descem-lhe cachos á testa ;  
Muito delgada e franzina,  
Mais senhoril que modesta.

Ruidosa, alegre e traquina  
Nas expansões de uma festa :  
Ha sempre um quê de menina  
N'uma mulher como esta.

Paixão por flores e fitas ;  
Vem ao salão de visitas  
Com um malmequer no decote.

E, para mostrar esse anjo  
Que não dá corda a marmanço,  
Pregou ao noivo calote!

## Zizinha

Lembra uma flor indiana  
De emanação capitosa ;  
Extranha e braya liana,  
Bella, porém venenosa.

Ares e olhos de cigana,  
Cor verde-mar sulphurosa,  
De cujo fóco espadana  
Certa luz tempestuosa...

Polpuda e quasi escarlata,  
A bocca — ninho de estrellas —  
Realça em moreno mate ;

E' de, quando ao genio ardente  
Fulge o raio das procellas,  
Fazer tremer toda gente !

## Faceira

Não sei que magia existe  
No rosto d'esta menina,  
Pois tem no olhar meigo e triste  
Uma expressão que fascina.

Nas suas faces persiste  
A pallidez da bonina,  
Que, si a enchente resiste,  
Torna-se branca e mofina.

Sacra belleza de um cantico ;  
Ar pensativo e romantico  
E um certo quê de senhora...

Corpo mimoso, e trabalha!  
Sorriso manso, e retalha!  
Soffre, talvez, e não chora!

## Nenê

Dia, em rosadas kermesses,  
Rompendo no aureo horizonte,  
Com cigarras pelas fontes  
E passarinhos nas méssees.

Dá que a bocca virgem conte  
Os bons conselhos e as preces  
Com que, resando, adormeces  
A um beijo de mãe na fronte,

E não, oh! pomba travessa!  
Historias de namorados  
Que te andam pela cabeça...

Mas és criança e não péccas:  
— Vamos lá ver teus bordados,  
Mostra-me as tuas bonecas!...

## Dudú

Sylpho que voa e revoa  
Por cima das açucenas;  
Iria-lhe as aureas pennas  
A luz do sol que se escoa...

São quatorze annos a toa!  
Travessos — como phalenas,  
Viçosos — como verbenas,  
Tranquillos — como lagoa.

Os olhos — de fogo e lua,  
O corpo — de lyrio branco,  
A bocca — de romã crua;

E ella sorrindo — ora bravo!  
Atira a bala no flanco  
Do rei das flores, o cravo!

## Antonica

Na pallidez doentia  
D'aquella face morena  
Vê-se que o mal de um só dia  
Toda uma vida condemna.

Fronte elegante e serena,  
Sem expressões de alegria :  
Traços doces de Maria,  
Com erros de Magdalena.

Illude. Si a noite tomba,  
Tem essa pallida rosa  
Retrahimentos de pomba ;

Quebrou o leque das azas  
N'uma queda dolorosa  
Sobre um terreno de brazas!

## Mana

Pallido rosto, accusado  
Na cabelleira opulenta,  
Como um astro que rebenta  
No firmamento nublado.

Olhar manso e socegado,  
— Vôo de pomba que assenta...  
Bocca tremula e sedenta  
Aberta ao riso engraçado.

Esguio tronco, elegante,  
De palmeira triumphante  
Nos arrebóes da manhã...

Salgueiro do teu jazigo,  
Aqui plantei-me, e, commigo,  
Muitas saudades, irmã!



# FESTAS INTIMAS



## I

Vamos ! entremos no ágape, famintos,  
Que o amphytrião sou eu; mando por isso  
Que se esgottem os copos de Chamiço,  
O mais alegre e bom dos vinhos tintos.

E vós, senhoras, afrouxae os cintos,  
Abrindo os labios, que a mirar cubiço,  
E mettei os dentinhos no chouriço,  
Que bom *Porto-wine* eu mandei vir, aos quintos.

Solte a nota festiva algum marmanjo,  
Que ha leitoa de forno, patriotismo  
Com feijão preto... Olha o Perú, quem trincha ?

Já que sobre a cabeça de meu anjo  
Jorraram hoje as aguas do baptismo,  
Corra o vinho á saude do *Pechincha* !

## II

A sobremesa o pavilhão desfralda,  
Desafiando o cerco de gargantas;  
Grite o heroísmo na explosão de tantas  
Boccas vermelhas escorrendo calda!

Fulge o cidrão em lascas de esmeralda  
Crystallisadas; quantas balas, quantas!  
Venham doces em penca, em lata, em mantas,  
Que já na lingua o *roxo* trava e escalda.

Beba syphon quem já estiver um pouco...  
Mas entre o creme de ovos e o de coco,  
Pará um brinde, nem frivolo, nem longo,

Todos de pé, todos de taça no alto,  
Ao moscatel n'um temerario assalto:  
Hips e urrhas e vivas ao *Mundongo!*

## III

N'este festim, oh! flores de espartilho!  
Que encareceis com a resplendencia vossa,  
Alguma cousa mais o alegre e adoça :  
— E' o sorriso innocente de meu filho.

Rapazes! vamos nós pelo aureo trilho  
Do bom convivio e da risonha troça :  
Eia! o Villar o espirito remoça,  
As olhos dando um desusado brilho.

Vinho no copo e pão-de-ló na unha ;  
Longe tudo o que as almas acabrunha,  
E haja um riso e um graça em cada bocca ;

Como um rancho de gárrulas crianças,  
Para o prazer da musica e das danças  
Vamos da mesa levantar... de touca !



*Luisa Piety*

**O CANARIO**



## I

Na choupana de um velho proletario,  
Entre a ramagem múrmure e sombria  
    De virente pomar,  
Apresentando um rustico scenario :  
A's vezes em fragrante efflorescencia,  
    Vistoso e a balouçar,  
    Outras — de fructo  
Os ramos a pender no solo bruto,  
Como quem cae em languida dormencia,  
    Cantava todo o dia  
Um aflautado e tremulo canario.

## II

Quem toma, acaso, a travessia curta  
D'aquelle sitio, esmeraldino prado

De recendente murta  
E bananeira agreste, que a fragrancia  
Percebe-se a distancia  
Do cachopo escarlate e azul ferrete,  
Na ribanceira hirsuta, entre gungis,  
Que marchetam selvatico tapete,  
Escuta-o, embevecido,  
Sentado ao cepo do indayá partido  
Do ribeirão ao lado,  
E mais, mais retirado,  
O barulho de ariscas juritys.

## III

No caminho ha festões de escura sombra,  
Com mil flores em cacho;  
E a agua do riacho,  
Que á superficie é como um claro espelho,  
Atravessando o leito do caminho  
Vae se esconder nos concavos da alfombra  
Da chacara do velho.  
Tão molle escorre e rumoreja a fonte  
Por debaixo da ponte,  
Que a descançar convida-nos baixinho...

## IV

Tão fresca que ella é ! Tons anilados  
Na profundeza escura e transparente  
    Da múrmure corrente ;  
Uma petala curva, a flor de lima,  
A folha verde e limpa do arvoredó  
    Em deliquio e brinquedo  
    Escorregando vae...  
E' um barquinho fragil que se anima...  
    Some-se ! a gente espera :  
D'entre a sombra fantastica dos mattos  
    A veia d'agua sae,  
A deslisar-se-lhe, outra vez, por cima,  
    Talvez... uma chimera !  
Talvez que a pluma branca, alva, dos patos,  
Como uma nuvem na azulada esphera !

## V

E é tempo. O caminheiro o ponche enrola,  
Depois que, o sol medindo, se levanta  
    Para seguir viagem.  
    Mas o canario canta  
No grubapê flexivel da gaiola

Ao lado do oitão  
Da sombria choupana, alegre, entanto,  
Por traz dos ramos da limeira — occulta,  
Ao doce requebrar d'aquelle canto,  
— Sylvestre idyllio de uma lettra inculta—  
Mas filho e pae entendem-lhe a linguagem,  
Como a bradar — coragem !!

## VI

Tinha um filho pequeno o proletario.  
Era o gentil e trefego Joãosinho,  
Fructo do seu amor. No seu caminho  
Da vida transitoria  
Achara uma consorte e, solitario,  
Deitava luto em si, d'ella em memoria.  
Agora viuvo e pobre,  
E triste como um funerario dobre,  
Ama o pequeno e dá-lhe bons conselhos,  
Quando assentado o tem sobre os joelhos.

## VII

Mandava o filho de manhã á escola.

## VIII

O que a este entretinha era a gaiola,  
De grubapê e canna,  
Dependurada ao caibro da choupana,  
Onde cantava alegre o seu canario.  
Era um passaro bello,  
Pequenino, gentil, todo amarello !

## IX

Quando voltava do arraial, sósinho,  
Com o cajado ao hombro,  
Sem mostras de temor, sequer de assombro,  
Pelo deserto e rustico caminho ;  
Na bolsa os livros, o calçado á mão,  
Calça ao joelho, em desafio ao chão,  
Despida a jaquetinha, o peito aberto,  
Cantando uma cantiga  
De sertanejo e antiga  
E do velho casebre já bem perto,  
Conhecia o canario a voz do amigo  
E punha-se a cantar, cantar, cantar,  
Com a cabecinha junto do postigo...

O menino corria pressuroso,  
Mal chegava no lar,  
Do seu canario á rustica prisão...  
Nadava em pranto o carinhoso olhar!  
De jubilo, coitado!  
E acariciava-o tanto,  
Que o passarinho transformava o canto  
Em torrente de célere trinado!

## X

Embora a fronte branca e veneranda  
Do tremulo ancião  
Pousasse, acabrunhada, sobre a mão  
Trigueira e descarnada,  
Assim como quem anda  
A imaginar a morte muito perto,  
Elle sorria sempre, — rir incerto!  
Dando ao semblante uma expressão, um brilho,  
Como luz de relampago em sudario,  
Ao infantil espirito do filho,  
Ao requebro mavioso do canario!  
Tanto que, si o achava na gaiola  
Mudo e arrepiado,  
Quando voltava do labor diario,

Ia chorar o velho na viola  
Um languido estribilho...  
E o bom cantor erguia o bico aberto!  
Melancholico, então, era o concerto!

---

Depois de uma orfandade,  
De algida e lutulenta viuvez,  
Estava a f'licidade,  
A alegria do albergue solitario,  
Do bom filho, do honrado proletario,  
Em rustica prisão de grubapês.



## ADVERTENCIA

Estando, ha muito, esgottada a 1.<sup>a</sup> edição dos *Chromos*, de 1881, dou 2.<sup>a</sup>, com pequenas correcções, que não lhe tiram o primitivo sabor e augmentados os sonetinhos do de n. XLVI a LXVI.

Addicionei ainda as *Figuras*, 21 sonetos, pequeninos perfis de mulheres, e mais o soneto de abertura, e *Festas intimas*; de sorte que o presente volume é quasi que um novo trabalho, posto que todo elle de uma mesma phase litteraria de estréa, mas que não me envergonha.

O AUCTOR.



## DO MESMO AUCTOR

	Epochas
- <i>Chromos</i> .....	1881
- <i>Pizzicatos</i> .....	1886
- <i>Dona Carmen</i> .....	1890
X <i>Brazões</i> .....	1895
X <i>Chromos</i> (2ª edição, augmentada).....	1896

### PARA BREVE

- X *Val de Lyrios.*
- X *Comedia elegante* (*Pizzicatos* e *Dona Carmen*).
- X *Hoelennos*
- Quindá Flor*



---

Typ. LEUZINGER — Ouvidor 31 & 36 — 2750 — 96

---







## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).